

O meio jornalístico e a reunião de pauta: quando a parte expressa o todo

Silvia Garcia Nogueira

A imprensa tem se constituído como objeto de estudo para cientistas sociais há relativamente pouco tempo. Como já foi apontado por Spitulnik (1993), ainda não existe o que chama de uma “Antropologia dos *mass media*”, apesar de existirem vários ângulos para abordar antropologicamente os meios de comunicação de massa – “como instituições, locais de trabalho, práticas comunicativas, produtos culturais, atividades sociais, formas estéticas e desenvolvimentos históricos” (:293). Mostrando um panorama geral de como os antropólogos vêm abordando o tema, a autora indica que tem havido maior preocupação com a recepção da mensagem transmitida, a audiência.

Tomando como base de apoio dados reunidos por uma etnografia realizada entre setembro de 1996 e março de 1997 em duas redações de jornais*, procurarei neste trabalho discutir algumas questões que dizem respeito aos jornais como “locais de trabalho” e a um modo particular ao meio jornalístico de produzir e transmitir informações. A partir da observação direta de situações que se desenrolam dentro das redações, é possível perceber que explicações puramente ideológicas ou, de outro lado, somente mercadológicas são

insuficientes para compreender o modo pelo qual os jornalistas constroem as *notícias*¹ que serão veiculadas para os leitores.

Um dos momentos privilegiados para perceber tensões, hierarquias, tipos de relações que se estabelecem, formas de controle entre e sobre os jornalistas, que são *colegas*² de jornal, é a ocasião do dia em que se realiza a *reunião de pauta*. Toda redação faz a sua. Mas, apesar de ter um objetivo principal comum – que é o de preparar um roteiro inicial de assuntos a serem investigados ao longo do dia e que deverão transformar-se em *matérias*³ –, os participantes, procedimentos e rotinas que compõem as reuniões variam de jornal para jornal. Desse modo, optei por fazer uma análise de algumas das características do meio jornalístico, de modo geral, tendo como apoio observações comuns aos dois jornais pesquisados, e das *reuniões de pauta*, em particular, realizadas no *Correio da Cidade* - nome fictício atribuído a uma das empresas jornalísticas examinadas, devido ao compromisso assumido para que sua identidade fosse preservada.

Hierarquia e organização geral das redações

A hierarquia dos profissionais dentro das redações é claramente definida e reconhecida em termos de autoridade e função. As posições ocupadas representam formas objetivas de níveis de poder, prestígio e *status* profissional. Dentro dos jornais, todos sabem a quem cabe executar determinada tarefa ou tomar uma decisão específica. Obviamente, aqueles que ocupam os níveis mais altos da hierarquia têm maior responsabilidade sobre o produto final, o jornal impresso, e, de modo geral, detêm maior prestígio e *status* em relação aos colegas.

Na base hierárquica⁴ das redações, normalmente encontram-se fotógrafos e repórteres, e, em um movimento ascendente, redatores, chefes de reportagem/pauteiros, subeditores, editores, editores executivos, editor-chefe e diretor de redação. Acima dos editores, os demais níveis formam o *Aquário*, termo que designa tanto os locais quanto os indivíduos que ocupam salas posicionadas estrategicamente dentro das redações, compostas por divisórias com a parte superior em vidro, de onde se pode observar toda a redação mas que possuem uma certa privacidade por contarem com persianas que, se acionadas, impedem que quem está de fora veja o que ocorre lá dentro. Há ainda diagramadores, profissionais da rádio-escuta, os editorialistas e os colunistas, além dos profissionais da informática.

A configuração do espaço físico das redações tem uma forte correspondência com os tipos de relações que se estabelecem em seus limites. É possível apreender dados sobre as atividades jornalísticas e o meio jornalístico a partir

da disposição de móveis/objetos, equipamentos, divisórias e pessoas dentro das redações. Mudar de uma mesa para outra pode significar subir vários degraus em uma escala ascendente de níveis hierárquicos. Do mesmo modo, derrubar uma divisória pode ser uma forma da direção da empresa manifestar um desejo de diminuir a distância entre as diferentes posições ocupadas na hierarquia do jornal. A presença de relógios dispostos de maneira bem visível indica a importância do fator tempo para todos ali dentro.

A configuração da redação em um imenso salão sem portas ou divisórias separando os espaços destinados aos jornalistas – com exceção do *Aquário* – parece insinuar a importância da circulação de informações, que não deve encontrar obstáculos pela frente. O espaço da redação deve ser entendido como um espaço coletivo, onde os interesses individuais e a privacidade de cada um não têm lugar. O ar-condicionado forte, a iluminação fria e os móveis padronizados e simétricos contribuem para compor uma imagem de assepsia e neutralidade.

Outro modo de organização das atividades jornalísticas dentro das redações é o estabelecimento de rotinas cumpridas diariamente. Entre elas, encontram-se reuniões que são realizadas ao longo do dia, cada uma com um caráter distinto. No caso do *Correio da Cidade*, são elas: *reunião de pauta*, *reunião da editoria* e *reunião de consolidação* - a primeira e a última são as mais formais, e possuem geralmente hora certa para começar e terminar; já a segunda varia de editoria para editoria e pode nem ocorrer formalmente.

Na *reunião da editoria*, o editor de cada área reúne-se com os subeditores e eventualmente alguns redatores e repórteres, onde são trocadas informações sobre o andamento das apurações dos repórteres e é determinado quem *fecha* (é responsável) que página no *fechamento* (momento em que o jornal está pronto para seguir para o processo industrial de impressão gráfica).

Da *reunião de consolidação*, semelhante ao que ocorre na *reunião de pauta*, participam o editor-chefe e os editores ou seus representantes, que se encontram no final da tarde em volta de uma mesa grande, o *mesão*, para apresentarem as matérias que deverão ser publicadas nas páginas relativas às suas respectivas editorias. É uma oportunidade para os editores se encontrarem e também conhecerem o que as outras editorias estão fazendo. Cabe observar que tanto na *reunião de pauta* quanto na *de consolidação*, é o editor-chefe quem dá a última palavra sobre o que está sendo discutido ou apresentado.

A primeira reunião do dia, a *de pauta*, ocorre por volta das 11h. Ao redor do *mesão*, o editor-chefe e os editores ou seus representantes se reúnem para analisar o que foi publicado pela concorrência naquele dia e, fazendo uma comparação, analisar também o que o próprio jornal publicou. Depois disso,

os participantes apresentam sugestões de assuntos a serem *apurados* (investigados) ao longo do dia, uma espécie de *pré-pauta* ou *roteiro* elaborado pelo responsável de cada área, que teve por base sugestões pessoais e de outros jornalistas, matérias já publicadas que merecem ser mais desenvolvidas (*suítes*) ou determinação do *Aquário*. Na verdade, qualquer pessoa é considerada uma fonte em potencial e qualquer assunto pode vir a ser uma pauta no futuro. Conforme as pessoas fazem suas exposições, os demais discutem e sugerem temas e encaminhamentos das matérias, assim como dão informações que podem enriquecer a abordagem do assunto. A reunião possui o tom de um fórum de debates.

A área do *mesão* pode ser descrita como um espaço em formato retangular, como se fosse um recuo da redação, composto por três paredes. Na maior, um painel com as primeiras páginas dos jornais concorrentes, uma ou outra página deles em particular e as principais páginas do *Correio da Cidade*, dispostas uma ao lado ou embaixo da outra. Do lado direito de quem está de frente para a área, uma bancada com alguns computadores é ocupada por redatores de uma editoria no *fechamento* do jornal. Do lado esquerdo, um quadro com giz e apagador ocupa quase toda a parede. Como a área não possui portas, qualquer pessoa da redação pode ver o que se passa, mas somente alguns podem participar⁵.

A análise dos jornais concorrentes inicia-se pelos comentários do editor-chefe, que critica ou elogia as abordagens realizadas, o destaque das matérias e o enfoque e tamanho das fotos escolhidas principalmente para as primeiras páginas. A partir daí, todos seguem opinando, e a comparação com o jornal feito por eles próprios inicia-se no seio dessa discussão, que pode ser qualificada como uma análise crítica do que é produzido pelos jornais - do ponto de vista daquele grupo de jornalistas (em sua maioria editores) que representam o *Correio da Cidade*.

O desenrolar dessa crítica culmina com seu registro no quadro. Para isso, uma pessoa apresenta-se como voluntária para escrever a avaliação resultante de um certo consenso do grupo reunido. Assim, vai-se atribuindo os sinais positivo (+), negativo (-) ou mediano (+ -) ao lado de cada assunto - matéria, cobertura ou foto - que os participantes apontaram como merecedores de crítica. O registro no quadro, apesar de ser fruto de um consenso, é resultado, contudo, de uma negociação por vezes tensa: é comum, por exemplo, ver um editor que tenha recebido uma crítica negativa por uma notícia *dada* com pouco destaque (quando o esperado teria sido o contrário), por exemplo, apresentar argumentos para que seja conferido (+ -) e o negativo ser substituído pelo novo sinal. Há casos, porém, em que isso não ocorre ou em que o

editor aceita a contragosto sua avaliação negativa por não ter argumentos contrários, como quando ocorre um erro de informação na notícia, considerado o mais grave de todos os erros.

A reunião de pauta e alguns constrangimentos

O término da *reunião de pauta*, que dura aproximadamente entre uma hora e uma hora e meia, possibilita às pessoas que passam pela redação em frente ao *mesão* observarem muito dissimuladamente a crítica. Em uma atitude aparentemente *blasé*, no sentido atribuído por Simmel (1967:16) e como já observou Travancas (1993:40), é como se os jornalistas não só não se importassem com sua avaliação pública, como também se nem a tivessem percebido. Salvo algumas exceções em que os atingidos pela crítica manifestam-se um pouco mais explicitamente, na maioria das vezes não se fala da avaliação ou, quando se discute o assunto, o comentário é feito em tom de confiança ou fofoca. Outra forma de manifestação a respeito é lembrar retroativamente de uma crítica passada para referir-se a uma ocorrência do presente (para não se cometer o mesmo “erro” ou então para se repetir um sucesso).

Seja como for, a análise é exposta no quadro até a manhã do dia seguinte, quando então dará lugar a uma nova avaliação⁶. Claro que, apesar dessa aparência de indiferença, ninguém deseja aparecer muitas vezes negativamente no quadro. Se isso ocorre, pode significar objetivamente incompetência da editoria na produção objetiva das notícias ou incompetência do editor em estabelecer boas relações pessoais com o editor-chefe e os demais editores. É no cruzamento da habilidade técnica da editoria com uma certa habilidade social do editor dentro da redação que a análise crítica é construída.

As duas reuniões do dia entre os editores são também ocasião para que o editor-chefe, que fala em nome da direção do jornal, transmita instruções mais específicas ou repreenda mais publicamente algum editor, reforçando seu *status* e poder na empresa. Durante as reuniões podem ocorrer também acordos de cooperação entre editorias, em que repórteres de uma podem vir a escrever uma matéria ou *apurar* um assunto para a outra. Ou então, no caso da *reunião de consolidação*, ocorre uma disputa pelo número de páginas dedicado a cada área – o espaço no jornal destinado a cada editoria e o tempo em que cada fase da produção jornalística se desenvolve são dois elementos essenciais que norteiam as atividades jornalísticas, pois servem como limites concretos que indicam o tamanho e a quantidade de notícias bem como o prazo para publicá-las no jornal do dia. As disputas pelo espaço constituem, assim, disputas por

prestígio, uma vez que o jornal impresso também é hierarquizado, possuindo áreas e páginas consideradas mais nobres do que outras.

Ao observar-se o desenrolar das reuniões, percebe-se que todos os presentes dominam um certo código comum que define quem fala o que e em que ordem, quem inicia e encerra o encontro, quem senta em que lugar da mesa, tudo isso normalmente indicado por pequenos sinais que passariam despercebidos por quem é um *outsider*⁷, ou seja, por aqueles que não são considerados como fazendo parte do grupo. Pode-se, nesse sentido, falar então da existência de um sistema de códigos de conduta que os jornalistas devem dominar.

Guardadas as devidas proporções, o comportamento dos jornalistas dentro, e muitas vezes fora, dos jornais assemelha-se ao dos membros da corte francesa no século XVII analisada por Elias (1987). Estes almejavam aumentar seu prestígio e *status* junto ao rei e, para isso, precisavam do reconhecimento real e dos seus pares, obtido em boa medida através da utilização correta da etiqueta correspondente à posição social que ocupavam na hierarquia da corte. No jornal, é como se os jornalistas construíssem uma determinada forma de trabalhar e uma certa imagem de si que levaria ao reconhecimento desejado de seus chefes e colegas de redação e de profissão. A utilização adequada da etiqueta dominante no meio jornalístico é que, de modo geral, ajuda a sustentar boas relações entre as pessoas nas atividades diárias em seus ambientes de trabalho.

Concretamente, o domínio desse código de condutas é expresso pelo entendimento de que, nas reuniões, aquele que ocupa o lugar mais alto no nível hierárquico é quem indica seu início e seu término. Em última instância, qualquer decisão é tomada por ele. Além disso, é importante discutir, discordar ou marcar alguma posição, porém existe um limite em que a palavra final do seu superior deverá ser acatada; e alguns editores, porque comandam determinadas áreas, têm mais prestígio do que outros, sua opinião possuindo maior peso em momentos de avaliação das matérias publicadas.

A *reunião de pauta* torna-se, assim, uma boa oportunidade para a verificação do *status* e do prestígio dos editores e suas respectivas editorias junto ao editor-chefe. Como apontou Darnton (1990:72), apoiando-se em sua experiência como repórter, o principal grupo de referência dos jornalistas encontra-se nas salas de redação, onde seus pares são os “leitores mais vorazes” e também os mais expostos aos colegas de profissão. Haveria, desse modo, uma necessidade diária de conquista de *status*, em que cada um deve se sobressair na comparação com os colegas. O acesso às informações, a divulgação e ordenamento dos dados obtidos com uma certa expectativa de chefes e colegas e a manutenção de

uma rede de relações dentro e fora da empresa em que trabalham são os principais fatores que levariam ao reconhecimento profissional.

Junto à avaliação crítica dos jornalistas, realizada mais publicamente na *reunião de pauta* e de modo mais diluído nas conversas e informações que circulam pelas redações e no meio profissional, existem outros constrangimentos a que estão expostos os jornalistas no exercício da produção das notícias. Manuais de redação, avaliações regulares de desempenho pela direção da empresa e outras formas de crítica e correções públicas estão constantemente em operação, funcionando como mecanismos de controle sobre os profissionais e buscando imprimir uma certa marca de identidade no resultado produzido pela elaboração diária de notícias. A partir desse mecanismo, ajudam a formar o que se convencionou chamar de *perfil do jornal* ou *linha editorial*.

Os manuais de redação variam de jornal para jornal e contêm instruções que indicam como escrever corretamente algumas palavras, regras de estilo, modos de conduta diante de determinadas situações, posições éticas que devem ser adotadas, além de regras gráficas. Dificilmente, porém, observa-se alguém consultando os manuais, pois as regras estão tão internalizadas pela repetição diária dos procedimentos que a consulta não se faz necessária. A interiorização das normas não impede, no entanto, que a cada situação não prevista um novo precedente seja criado: avalia-se caso a caso a melhor forma de conduta, que poderá servir de padrão a uma nova ocorrência.

No *Correio da Cidade* existem três formas de *correções públicas*, além da análise crítica feita na *reunião de pauta*: uma realizada pelo editor de Opinião (uma espécie de *ombudsman* interno), enviada a todos na redação via computador; outra que diz respeito ao aspecto gráfico, realizada pelo editor de Arte, um tipo de guardião do projeto gráfico do jornal; e as correções de erro de português e *pastel* (por exemplo quando uma palavra junta na outra). Cada uma dessas correções relaciona-se com um tipo de erro: de informação (o mais grave – no jornal pesquisado, na editoria de Política, por exemplo, só eram tolerados três erros desse tipo por mês), gráfico e outros erros que não os anteriores, respectivamente. Assim, semelhante a qualquer empresa em que funcione um rígido controle sobre o processo de produção, cada editoria possui metas a cumprir mensalmente quanto à quantidade e qualidade dos erros cometidos. No caso do jornal estudado, a avaliação do desempenho faz parte de um sistema maior da empresa de possibilitar aos seus empregados a participação nos lucros.

Existem outros tipos de constrangimentos que influenciam e agem sobre os jornalistas: Sánchez-Jankowski (1994) aponta ainda o que chama de

“constrangimentos técnicos” próprios ao meio jornalístico: o tempo (o jornalista trabalha pouco tempo sobre o mesmo assunto, perdendo informações de base); a dificuldade de acesso às fontes (é preciso ganhar a confiança delas); a formação do jornalista (busca da tentativa de se produzir um diagnóstico sociológico em alguns casos); e o espaço ou duração imposto à emissão televisiva ou artigo.

Levando-se em consideração todos esses constrangimentos característicos do meio jornalístico e que se refletem nos comportamentos dos profissionais de imprensa, pode-se dizer que as preocupações com a concorrência, com a avaliação pelos pares, as pressões do mercado capitalista e as relações quase sempre ambíguas entre jornalistas e *fontes* (informantes) acabam por ter como efeito a produção de uma certa homogeneização dos jornais. Os assuntos e suas abordagens são geralmente os mesmos, tratando-se quase sempre de um *ir além* antes do que *ir de outro modo*.

A dimensão comparativa da produção do que é veiculado produz, assim, um *diálogo das notícias*, no qual o que importa é mais o diálogo em si e os tipos de relação em que estão simultaneamente apoiados e que vão se construindo cotidianamente do que os acontecimentos originais que deram origem a sua transmissão. Saber o que a concorrência está produzindo constitui uma verdadeira obsessão jornalística. Essas relações de concorrência e convivência, que permeiam tanto o convívio dos jornalistas de uma mesma empresa entre si quanto deles com os *colegas* de outros veículos de comunicação, podem ser percebidas pelo ideal de conseguir um *furo*⁸, por um lado, e, por outro, pelas práticas exercidas diariamente pelos repórteres em um movimento de padronização: ouvir sempre as mesmas *fontes*, o repórter atrasado perguntar aos colegas durante uma entrevista coletiva o que foi dito, estabelecer um certo consenso sobre a duração de um evento ou a quantidade de pessoas presentes, entre outros exemplos observados no dia-a-dia do exercício da profissão. Some-se a esses fatores o pertencimento a uma rede de relações pessoais privadas que se confunde com uma de relações profissionais: é comum jornalistas casarem entre si e terem principalmente como amigos outros jornalistas, que costumam freqüentar os mesmos lugares e possuírem o mesmo estilo de vida.

Considerações finais

Bourdieu (1996), em sua análise sobre a televisão, afirma que os jornalistas possuem “óculos” particulares a partir das quais “vêm certas coisas e não outras; e vêem de uma certa maneira as coisas que eles vêem” (:18). Ge-

neralizando para outros veículos de comunicação de massa, poderíamos dizer que o processo de construção das notícias indica diversos níveis de interferência atuando nesse processo. Em um sentido, os jornalistas constroem o “mundo” em torno de si, cercados pelos monitores de computador e pelas paredes das redações, sob o olhar dos colegas e superiores. “Mundo” que, neste caso, está relacionado a duas idéias distintas: a de um “mundo” próprio dos jornalistas dentro das redações ou no desenvolvimento de suas atividades e o “mundo” produzido e divulgado por eles, a partir da “construção” e transmissão dos acontecimentos. Entre um e outro, os jornalistas circulam e interagem por diversos outros meios sociais, de onde tiram a matéria-prima de seu trabalho.

Em mais de uma circunstância, durante meu trabalho de campo, ouvi jornalistas falando no telefone: “agora você vai ouvir um *show* de falsidade” ou como me disse um fotógrafo que estava cobrindo as eleições para a prefeitura do Rio de Janeiro: “se eu estiver com o [candidato Luís Paulo] Conde, digo que voto nele; se estiver com o [candidato] Sergio Cabral Filho digo que meu voto é dele”. Na verdade, essa capacidade de ser o que é mais adequado à situação deve ser entendida como um processo de múltiplas transformações ou adaptações pelo qual constantemente o jornalista – mais particularmente repórteres e repórteres fotográficos – precisa passar ao exercer sua atividade nos vários contatos que estabelece e que tem como finalidade principal a obtenção de informações preferencialmente exclusivas e consideradas importantes.

Dominar bem o próprio código de regras e condutas particulares, os sinais de comunicação que discretamente ou não explicitam esse código e seguir corretamente a etiqueta já pré-determinada pelo meio jornalístico dará grandes chances ao profissional de aumentar seu prestígio, *status* e poder na hierarquia do jornal, ou seja, de ascender profissional e socialmente – de ser reconhecido.

Se por um lado, o domínio do código jornalístico permite uma ascensão, por outro, deve-se pensar que os jornalistas não saem sempre ilesos dos contatos que estabelecem com as mais variadas fontes, uma vez que faz parte do próprio código profissional a habilidade em circular por outros domínios sociais.

É de fundamental importância lembrar que os atores sociais com os quais os jornalistas interagem não são passivos. Possuidores de estilos de vidas distintos e visões de mundo particulares, as fontes acabam por tornarem-se interlocutores influentes e, de certa forma, leitores tão vorazes quanto os próprios jornalistas. A partir dessa interlocução que se estabelece entre jornalistas e fontes, pode-se entender o porquê dos políticos (Kuschnir, 1993) e das gangues americanas (Sánchez-Jankowski, 1991), entre outros exemplos, buscarem dominar – em um movimento semelhante e em sentido oposto – o código específico do meio jornalístico para tirar proveito em causa própria.

As instituições de notícias seriam, desse modo, pensadas como agentes de um processo social de produção de sentido denominado “mediação informativa”, em que as notícias seriam um “processo social no qual os diversos atores sociais [eu incluiria os próprios jornalistas individualmente] fazem circular seus discursos” (Gómez, 1997:63), constituindo espaços de exercício e disputas de poder.

Por fim, pode-se dizer que, intermediando a vida cotidiana, com suas mazelas, e a curiosidade a respeito do que acontece a nossa volta, existe um meio complexo, construído e composto pelos jornalistas. Assim, é no processo que transforma um fato da vida em *acontecimento* (algo que é selecionado e ao qual é atribuído relevância social), em *notícia*, que o trabalho dos jornalistas se assemelham ao dos artesãos: a matéria-prima disforme e sem importância é trabalhada por várias mãos, que agem segundo técnicas próprias da atividade, precisas, mas também a partir de orientações relacionadas a gostos pessoais, relações com outros artesãos, expectativas mercadológicas ou de ascensão profissional ou qualquer outra coisa que interfira consciente ou inconscientemente em seu trabalho de transformação. E o espaço em que tudo isso aflora é a *reunião de pauta*.

*Silvia Garcia Nogueira é doutoranda do
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ.
snogueira@nitmail.com.br*

Notas

* A pesquisa realizada resultou em minha dissertação de mestrado, defendida no PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, em 1998.

1 . Ao longo deste trabalho, toda vez que uma palavra aparecer em itálico, significa que ela corresponde a uma categoria nativa, ou seja, é um termo utilizado pelos próprios jornalistas.

2 . O termo *colega* designa aqueles que têm a mesma profissão, no caso, de jornalista. Já sua versão no diminutivo, *coleguinha*, é utilizada normalmente de modo pejorativo.

3. *Matéria* é a designação para texto jornalístico que, de modo geral, resultou de um trabalho de reportagem.

4 . Os cargos e funções variam de empresa para empresa. Os aqui apresentados são os mais comuns. Além disso, cabe chamar a atenção para o fato de que em alguns casos um repórter reconhecidamente considerado de grande competência, por exemplo, pode ter mais prestígio profissional do que seu

editor, indicando que essa demarcação de posições de poder e *status* nem sempre é tão rígida.

5 . Além dos presentes, através de um aparelho eletrônico de conferência, os editores das sucursais também participam das reuniões de *pauta e consolidação*.

6 . Além da avaliação de conteúdo, é feita também uma avaliação gráfica do jornal. O responsável é um editor que não participa de nenhuma das reuniões com os outros editores. Ele faz seu trabalho sozinho.

7 . Ver Becker (1963).

8 . *Furo* designa uma matéria de grande interesse, divulgada com exclusividade.

Referências bibliográficas

BECKER, Howard. *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. New York: The Free Press, 1963.

BOURDIEU, Pierre. *Sur La Télévision. Suivi de L'Emprise du Journalisme*. Paris: Liber Éditions, 1996.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

KUSCHNIR, Karina. *Política e mediação cultural: um estudo na Câmara Municipal do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/MN/UFRJ, 1993.

PEREIRA, Silvia Garcia Nogueira. *A construção da notícia em dois jornais cariocas: uma abordagem etnográfica*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/MN/UFRJ, 1998.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, Martin. *Islands in the Street: Gangs and American Urban Society*. California: University of California Press, 1991.

_____. "Le gangs et la presse. La production d'un mythe national". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 101-102, 1994.

SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". In: Otávio G. Velho (org.), *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. pp. 13-28.

SPITULNIK, Debra. "Anthropology and Mass Media". *Annual Review of Anthropology*, vol. 2, 1993.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.

Resumo

A partir de uma etnografia realizada em dois jornais, este trabalho discute algumas questões relativas a uma forma particular de produzir e transmitir informações. Um dos momentos privilegiados para perceber isso é a ocasião do dia em que se realiza a *reunião de pauta*. Por meio da observação direta de situações que nela se desenrolam, é possível notar que explicações puramente ideológicas ou somente mercadológicas são insuficientes para compreender o modo pelo qual os jornalistas constroem as *notícias* que serão veiculadas para os leitores.

Palavras-chave

Imprensa, jornalistas, trabalho jornalístico.

Abstract

From an ethnographic study in two daily newspaper, this article discuss some questions regarding a specific way of producing and transmitting information. One of the best moments to perceive that is during the *reunião de pauta*, when it is possible to observe that ideological or economical explanations are insufficient to understand the way journalists construct the news that will be published.

Key-words

Press, journalists, journalistic activities